



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## **A psicanálise sobreviverá à aliança do discurso do capitalismo com o discurso da ciência?**

**Tania Coelho dos Santos**

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-Doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)  
Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)

Professora Associada IV Aposentada do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Pesquisadora Nível 1C do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/Brasil)

Presidente do Instituto Sephora de Ensino de Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Diretoria da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro da École de Cause Freudienne / ECF (Paris, França)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (São Paulo, Brasil)

Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)

Email: [coelhosantostania@gmail.com](mailto:coelhosantostania@gmail.com)

Neste número, o leitor encontrará uma forte convergência dos artigos em torno da possibilidade ou da impossibilidade de transmitir a psicanálise. Seja ao nível da subjetividade da nossa época, seja ao nível das instituições de saúde e de ensino universitário, cresce a rejeição ao inconsciente. Ensinada nos cursos de psicologia, a psicanálise não tem afinidade com o paradigma performativo, cognitivo-comportamental que privilegia a relação entre o indivíduo e o meio ambiente. Recordo as palavras de Lacan (1975-1976/2007) em um dos seus últimos seminários: "A hipótese do inconsciente, Freud o sublinha, não se sustenta sem o Nome do Pai. Supor o Nome do Pai, por certo, é Deus" (p. 136). A rejeição ao inconsciente avança na mesma medida em que avança o prestígio do discurso da ciência baseado em evidências estatísticas. A hegemonia da lógica do discurso do capitalismo destitui toda e qualquer transcendência, promovendo os discursos pós-modernos e a desconstrução generalizada dos consensos sociais. Avança igualmente a redução de todos os valores à forma mercadoria sujeitada à lei do mercado. Despojados da relação ao Nome do Pai e ao inconsciente, os descrentes seguem à deriva, desbussolados, aderem às ondas identitárias.

Em *Jacques Lacan, psicólogo barrado*, artigo do psicanalista e professor universitário Ian Parker, o leitor vai encontrar a revisão crítica de uma série de contradições entre a disciplina da psicologia e a obra de Jacques Lacan. Psicologia descrita aqui como o domínio acadêmico e profissional da teoria e prática desenvolvida na cultura ocidental, especificamente anglo-americana, de descrever e explicar os processos mentais e do comportamento. Lacan é caracterizado como uma referência para a elaboração de seu trabalho teórico e clínico, com o foco principal nos escritos deste autor. O argumento principal é que há uma incompatibilidade fundamental entre a obra de Lacan e as visões psicológicas do sujeito como indivíduo e, portanto, as tentativas de equivaler as duas tradições são mal concebidas. Isso significa que os psicólogos que buscam por respostas em Lacan devem questionar os pressupostos subjacentes sobre a teoria e a metodologia em sua disciplina se eles estão dispostos a levar a sua obra

a sério. A incompatibilidade entre Lacan e a psicologia também tem importantes consequências para os psicólogos clínicos que possam querer adotar ideias da tradição lacaniana, visto que destaca os perigos que a psicologia reserva para a psicanálise caso as teorias e metodologias psicológicas sejam aceitas de bom grado. O mote de Lacan como “psicólogo barrado” é designado para enfatizar esses argumentos bem como a concepção distintiva do sujeito que implica sua obra.

Virgínia Carvalho em seu artigo intitulado *Lá onde Isso era, [eu] devo devir* faz justamente o que promete: um comentário sobre a Lição 21 do *Seminário 6, O desejo e sua Interpretação* de Jacques Lacan (1958-1959/2016). A autora recorda precisamente o que existe de mais essencial ao paradigma psicanalítico: “o sujeito que não é ainda”. Em sua posição mais primordial, o sujeito radicalmente inconsciente, está destinado a advir e devir. A psicologia não concebe o sujeito como dividido, pois supõe que ele é um “in-divíduo”. Nesta lição, intitulada *A forma do corte*, Lacan percorre a ideia de que a psicanálise se interessa pelo efeito-sujeito. A expressão freudiana “*Wo Es war, soll Ich werden*” (Freud, 1933/1996) contempla a divisão do sujeito no campo da fantasia inconsciente, na posição pré-subjetiva de objeto *a*. O trabalho que se realiza numa análise evidencia essa dimensão do sujeito que “não é ainda”.

O tema da transmissibilidade do saber da psicanálise em instituições de saúde e de formação universitária é problematizado no artigo *Uma clínica em extensão: a psicanálise na Atenção Básica* de Welker Marcelo Moura, Wender Rodrigo Faria e Pedro Sobrino Laureano. Os autores observam, que nas últimas décadas, a psicanálise expandiu suas fronteiras para além dos seus espaços tradicionais, como em núcleos de ensino e pesquisa universitários e serviços e movimentos psiquiátricos e de saúde mental, dividindo-se em várias correntes e em diversas associações e escolas psicanalíticas. É um desafio exercer a psicanálise fora do dispositivo clínico clássico. O psicanalista que atua no campo institucional, a partir do seu trabalho com pacientes e equipes de saúde, deve se responsabilizar pela transmissão do saber que ali se constrói. É possível ser fiel aos paradigmas dessa disciplina fora do dispositivo configurado para exercê-la? Na instituição de saúde, o saber sobre o inconsciente em jogo na interpretação psicanalítica produz efeitos tanto para o paciente quanto para a própria instituição. A partir das vinhetas clínicas, o trabalho apresenta as intervenções possíveis do psicanalista nas equipes de saúde da Atenção Básica sob a perspectiva do matriciamento, isto é, da discussão clínica caso a caso.

Tem crescido no laço social o volume de discursividades pós-modernas com efeitos de aumento do fenômeno social da polarização de sentimentos de amor e ódio. Tania Coelho dos Santos e Rebeca Espinosa Cruz Amaral dedicam-se a analisar o crescimento da tematização de fenômenos como o feminicídio, a violência machista, racista, homofóbica e religiosa, além da hostilidade crescente de alguns grupos identitários aos valores conservadores da sociedade ocidental judaico-cristã. Uma cultura do ódio floresceu no laço social polarizado. Os afetos de amor e ódio se apresentam no início da constituição do sujeito em estado de desligamento, mas se fundem quando prevalece o amor do Outro primordial ao infante desamparado. É a hegemonia do amor que promove a fusão pulsional. Se a

civilização triunfa, se o Outro primordial alcança impor o predomínio do amor sobre o ódio, o sujeito se constitui graças ao recalque dos impulsos destrutivos e se torna capaz de alimentar a esperança no futuro, amar e trabalhar. O Outro da modernidade é liberal, progressista e acredita que a igualdade de oportunidades cresce com o acesso universal à educação e à saúde. E o Outro da nossa pós-modernidade? É fragmentado, não há referências coletivas universais? É pessimista ou a esperança utópica se tornou inimiga da realidade? A questão do pai mostra-se atualíssima.

Em *Atualidades*, o leitor encontrará um breve relato de caso intitulado *A psicanálise na era dos discursos identitários*, de Leander Mattioli Pasqual. O autor reflete sobre o aumento destes discursos neste início do século XXI, reiterando que a prática da psicanálise se depara com novos desafios. Estamos agora, ele diz, diante de uma mudança de paradigma que consiste em substituir o cogito cartesiano "Penso, logo existo" pelo que Jacques-Alain Miller (2022) isolou como o "digo": "Eu sou o que eu digo". De acordo com esse novo paradigma, "Eu digo, logo existo". Ao contrário do cogito, onde o ser do sujeito é reduzido a um ponto lógico desprovido de qualquer qualidade - um sujeito necessário para o advento da ciência - esse "digo" está carregado de si mesmo, como se bastasse dizer para ser, como se o sujeito pudesse se autodeterminar por suas declarações. O sujeito se confunde então com sua declaração. Não há lugar aqui para a distinção entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado.

Nesta mesma inspiração, situa-se também a resenha que Jéssica Samantha Lira da Costa nos apresenta acerca do último livro de Elizabeth Roudinesco (2022) intitulado *O Eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias*. O argumento central da historiadora e psicanalista é que o "identitarismo" é autoritário e segregatório. De acordo com a autora da resenha, são movimentos coletivistas responsáveis pelo aviltamento da teoria e técnica psicanalítica, principalmente quando tentam enclausurar o inconsciente no corpo encarnado. Afinal, com discursos que afirmam e acentuam a necessidade (no entendimento delirante de alguns) de nos fecharmos em pares idênticos (negros só podem ser atendidos por analistas negros, porque somente um analista negro entenderá a problemática daquele paciente em questão. Homossexuais só podem ser atendidos por homossexuais; somente mulheres podem produzir falas sobre questões que envolvem aborto, e tantos outros horripilantes e bizarros entendimentos rasos e tendenciosos), vamos – a passos largos – aniquilando a ferramenta maior da psicanálise: o sujeito, a linguagem, a subjetividade, o inconsciente, o desejo.

Bruno Farnetano e Maria Cristina Antunes resenharam o livro *Crítica da Vítima*, de Daniele Giglioli (2016). Estas são as primeiras palavras que constitui uma espécie de brevíário da vítima:

A vítima é o herói do nosso tempo. Ser vítima confere prestígio, exige atenção, promove reconhecimento. Atua como um potente gerador de identidade, direito e autoestima. Imuniza contra qualquer crítica e garante inocência para além de qualquer dúvida razoável. Como poderia uma vítima ser culpada, ou melhor, responsável por algo? Não fez, foi feito a ela. Não

age, padece. Na vítima articulam-se ausência e reivindicação, fragilidade e pretensão, desejo de ter e desejo de ser. Não somos o que fazemos, mas o que sofremos, o que podemos perder, aquilo do qual nos privaram. (Giglioli, 2016, p. 19).

O que a autora nos apresenta, neste livro, é a transformação do imaginário da vítima em *instrumentum regni* do laço social contemporâneo. Portanto, a crítica da vítima diz respeito à ideologia, à mentalidade vitimária que parasita os indivíduos hoje em dia, independentemente de terem sido atingidos por acontecimentos traumáticos. Hoje a vítima é um valor, uma identidade. A vítima e seu corolário de sentimentos – ressentimento, inveja, medo – vive concentrada no passado.

Nesta mesma direção, Adriana Campos, em *Este supereu, que interpreta nossa época*, recorda que testemunhamos, em um movimento paradoxal, o recrudescimento do supereu. Certamente, o mistério desse paradoxo parece já esclarecido para nós, lacanianos: no cerne do supereu está o imperativo Goze!, uma convocação para a fruição sem restrições, totalmente análoga ao apelo ao consumo contemporâneo. No entanto, será tão evidente como o imperativo se entrelaçou, para Lacan, com o supereu? Unir assim os dois, o que isso pode realmente significar? Lacan mesmo necessitou de uma longa e minuciosa jornada para chegar a essa proposição. Para compreender o lugar e o alcance de seu avanço e a maneira como isso se articula com a época contemporânea, a autora conclui que a questão do pai se revela central.

Em *Uma leitura psicanalítica sobre o consumo de manipulações corporais na contemporaneidade*, Leonardo da Silva Santos, aborda o fenômeno contemporâneo do consumo de manipulações corporais do tipo estético a partir da teoria e da clínica psicanalíticas. Sua hipótese de pesquisa é que a menor potência do ideal do eu em sua vertente de interdito afeta a consistência da imagem corporal, culminando em um sofrimento psíquico provocado pelo desregramento pulsional. O autor se pergunta se a intervenção no corpo poderia apaziguar a relação imaginária através de uma idealização do corpo vendida como mercadoria.

Em *O sintoma da criança: a criança como sintoma dos pais*, Maria Gabriela Severiano Ribeiro e Tania Coelho dos Santos também refletem sobre o declínio da função paterna, erodida pelas discursividades pós-modernas. A constituição do sintoma da criança é atravessada pelo discurso dos pais. Na clínica foi possível observar como as manifestações do inconsciente aparecem nos detalhes no discurso do indivíduo. Tem-se como intuito demarcar a importância das funções paterna e materna na constituição da criança e, quando essas não operam, a desordem que podem causar no psiquismo infantil. Busca-se sensibilizar o leitor para a noção de que a desorganização psíquica dos pais tem repercussão no processo de subjetivação dos filhos. Nota-se a impossibilidade de separar a criança dos pais no processo analítico, uma vez que ela ainda não se diferenciou enquanto sujeito. Convém não desconsiderar que há a resposta da criança. Há algo que é dela, que diz respeito à sua singularidade e que não podemos deixar de lado. A função parental tem como responsabilidade a imposição de limites,

a orientação para a lógica da hierarquia, e não do igualitarismo, em que o pai e o filho têm os mesmos direitos e deveres. Entretanto, lidamos hoje com uma sociedade que desacredita da potência desse aparelho regulador e, por consequência, podemos observar um excesso de gozo. O que se colhe disso são crianças que têm que lidar com a falta da falta que a castração impõe a todos.

A clínica psicanalítica na contemporaneidade nos apresenta um grande número de analisandos com transtornos de autorregulação. Dúvidas diagnósticas se colocam quanto à estrutura subjetiva neurótica ou psicótica frequentemente. “Há algo de novo nas psicoses... ainda” – este é o título proposto para a 26ª Jornada da *Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais*, que acontecerá no Hotel Mercure, em Belo Horizonte, nos dias 01 e 02 de dezembro de 2023. Ele atualiza a temática da Jornada do ano de 1999, “Há algo de novo nas psicoses”, que ocorreu sob o impacto e as ressonâncias das Conversações das Seções Clínicas do Campo Freudiano sobre os casos raros, os efeitos de surpresa e as psicoses ordinárias. Trata-se, agora, de averiguar os arranjos subjetivos originais e inventivos apresentados nas transformações contemporâneas das psicoses, sua proliferação clínica, a fluidez (e também a rigidez) das identificações, mas também a diluição da própria noção de psicose. A Jornada será exclusivamente na modalidade presencial e terá como convidado o psicanalista Éric Laurent que apresentará uma videoconferência sobre o tema.

Dois artigos trabalham a interseção entre literatura e psicanálise. *A Hora da Estrela: desamparo e tragicidade na obra clariciana*, é um artigo de Jéssica Samantha Lira da Costa e Maurício Rodrigues de Souza que aborda a noção freudiana de desamparo a partir da leitura do último romance da escritora Clarice Lispector (1998). O intuito do trabalho consistiu em realizar aproximações entre as noções de desamparo, literatura e tragicidade na teoria psicanalítica e no texto clariciano aqui abordado. Sabendo que a obra clariciano propicia que diversas leituras sejam efetivadas, os autores optaram por realizar um recorte teórico e fincar suas observações em trechos da obra que nos levem ao entendimento do conceito teórico freudiano de desamparo. Assim sendo, conclui-se que o desamparo é a expressão máxima da marca humana e que há maneiras de lidarmos com esta verdade tão avassaladora, inclusive por meio da arte poética. Ainda que as marcas deixadas por esta verdade, que são compostas de tragicidade e conflito, sejam demasiadamente rígidas, a psicanálise e a literatura nos fornecem subsídios para enfrentá-las.

O outro artigo acerca das relações entre psicanálise e literatura intitula-se *Yann Andréa, uma carta que eu continuo te escrevendo*. Aurélie Flore Pascal traz a história do jovem estudante de filosofia em Caen, Yann Andréa, então conhecido como Yann Lemée. Ele descobre a escrita de Marguerite Duras e, instantaneamente galvanizado pela experiência, começa a escrever para ela, quase todos os dias, às vezes várias vezes ao dia, em pacotes, sem esperar por uma resposta. Tocada pela força de Yann, Duras lhe responde, dedica uma obra a ele e acaba compartilhando sua vida com ele. Trata-se de um amor que não é velado pelo fantasma, mas que é amarrado em torno de um ponto de realidade, a escrita. Sophie Marret-Maleval utiliza o casal Duras/Andréa como exemplo negativo para ilustrar a

inexistência da relação sexual: a função de ligação do amor, expressa como S1-*a*, é realizada nesses momentos de escrita através de suas posições subjetivas respectivas: M. Duras no lugar de produzir os S1 e Yann Andréa no lugar do objeto.

E, finalmente, recebemos um trabalho de grande erudição iconográfica sobre as relações entre a pulsão e a pintura. Jeanne Catania, recém doutora pelo Departamento de Paris 8, nos enviou a excelente apresentação de sua tese que tive o prazer de escutar enquanto membro de sua banca. Intitula-se: *As pulsões em ação: tornar-se pintor*. Sua tese parte da observação clínica de uma jovem paciente que lhe falou sobre seu desejo de se tornar pintora. Ela havia começado desenhando olhos, como é frequentemente o caso dos aprendizes de desenho. A autora sentiu-se tocada quando, pela primeira vez, viu emergir um olhar vindo de outro lugar em um dos seus primeiros desenhos de criança. Lembra-me de ter comparado esse milagre ao ato da borboleta, que se fixa por um instante imóvel na flor, e assim deixa a imagem de seu corpo na eternidade. Prossegue lembrando-se que na época, ela ignorava que a borboleta era símbolo da alma para os antigos. Sabia que era a alma do desenho que a olhava. Mas como era possível que alguns traços de lápis de grafite pudessem dar origem a um olhar assim? Foi então que surgiu a ideia de tentar entender como as pinturas tomam forma, literalmente como uma representação se incorpora, como ela se traslada ao circular da psique para a tela, enfim, como ocorre a "incorporação" das obras. O projeto foi intitulado: *As Obras-Corpo*. Mas essa holófrase foi desdobrada como uma pergunta sobre o processo pelo qual esses corpos singulares, que são as pinturas, se formam.

Esse número de aSEPHallus é denso, rico e muito diverso. Obrigada aos autores que nos confiaram seus textos. Obrigada também à equipe técnica cuja dedicação tornou possível mais esse número.

### Referências Bibliográficas

- Freud, S. (1996d). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol 22. pp 15-175). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933).
- Giglioli, D. (2016). *A Crítica da Vítima*. Belo Horizonte: Ayine Editora.
- Lacan, J. (2007). *O Seminário livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).
- Lispector, C. (1998). *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Miller J.-A. (2022). Intervention lors de Question d'École. In C. Alberti (Org.). *L'enfance, berceau de la démocratie, Quarto*, 131.

Roudinesco, E. (2022). O eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

**Citação/Citation:** Coelho dos Santos, T. (mai. 2023 a out. 2023). A psicanálise sobreviverá à aliança do discurso do capitalismo com o discurso da ciência?. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 01-07. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). **Doi:** 10.17852/1809-709x.2023v18n36p01-07.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 29/09/2023 / 09/29/2023.

**Aceito/ Accepted:** 30/09/2023 / 09/30/2023.

**Copyright:** © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.